

MOVIMENTO MARXISTA 5 DE MAIO



CRÍTICA AO PROGRAMA DE TRANSIÇÃO TROTSKISTA



<https://www.marxista5.org/>

Novembro/2024

Sumário

I. INTRODUÇÃO	6
II. FIM DO CAPITALISMO?	8
III. REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS	13
A) CONTROLE OPERÁRIO	16
B) COMBATE AO DESEMPREGO ATRAVÉS DE OBRAS PÚBLICAS	16
C) EXPROPRIAÇÃO DE RAMOS CHAVES DA ECONOMIA	16
D) PELOTÕES ARMADOS DE TRABALHADORES	17
E) ESTATIZAÇÃO DA TERRA	18
F) ASSEMBLEIA CONSTITUINTE	19
IV. PROPOSTAS, ESPECULAÇÕES, MANIPULAÇÕES	21
A) REVOLUÇÃO CHINESA	21
B) SOCIALISMO EM UM SÓ PAÍS	22
C) TROTSKY BOLCHEVIQUE?	25
D) MEZHAYONTSI	30
E) CRISE DE DIREÇÃO E ENTRISMO	31
F) O COMANDANTE DA INSURREIÇÃO BOLCHEVIQUE?	33
G) SUCESSÃO DE LÊNIN – O TAL TESTAMENTO	37

I. INTRODUÇÃO

Por que a colocação da palavra trotskista no título deste trabalho? Não estaríamos assim diante de uma redundância? Não. Isso porque os fundamentos metodológicos do programa formulado por Trotsky em 1938 como base de sua proposta de criação de uma organização política mundial, a que deu o nome de ‘quarta internacional’, configuram os mesmos fundamentos de outras correntes de igual pretensão mundial, como os agrupamentos mais conhecidos vinculados ao reformismo clássico e ao gramscianismo: uma metodologia mecanicista, antidialética, abertamente contrária ao eixo da concepção materialista da história. Então, o que quer este nosso texto é elaborar uma crítica marxista à literalidade daquele trabalho original de Trotsky. Sim, somos marxistas e o declaramos desde agora para deixar claros os nossos pressupostos.

Necessariamente vamos abordar temáticas gramscianas e reformistas, clássicas e/ou atuais, a título de comparação e comprovação dos sinais de igualdade metodológica com o trotskismo. Destaque-se: a estratégia supostamente socialista igualmente compartilhada por Trotsky (“**revolução permanente-consignas de transição**”), Bernstein-Kautsky (**reformas econômicas graduais**) e Gramsci (“**hegemonia-guerra de posição**”) supõe que as conquistas parciais do proletariado ainda no interior de formações sociais capitalistas já seriam estruturalmente socialistas – concepção que joga na lata do lixo a dialética e o conceito de conjuntura, ambos fundamentos que alicerçam os posicionamentos e propostas concretas de Marx e de Lênin.

Assim, neste texto vamos nos referir a situações históricas e con-

junturais que fertilizam o chão comum onde hoje florescem propostas, sugestões e práticas que, dizendo-se marxistas, mais não fazem que deformar e desvirtuar o marxismo, prestando assim valiosíssimo serviço ao capitalismo nos sindicatos, partidos e demais organizações de trabalhadores.

No cipoal em que se transformou o movimento trotskista, com as dezenas e dezenas de grupos que reivindicam a letra de Trotsky, o mais comum é ouvir da boca de cada um que os outros não são verdadeiramente trotskistas, não hesitando cada um deles em garantir que os demais são traidores. Na verdade, nada interessa à revolução proletária buscar saber se quem estaria certo seria Pierre Lambert, Nahuel Moreno ou Ernest Mandel – os três grandes papas do trotskismo. O que nos interessa, isso sim, é submeter a letra do Programa de Transição a uma crítica em sua literalidade para, assim, nos armarmos para combater política, teórica e ideologicamente o trotskismo, cuja forte presença nas organizações proletárias no mundo inteiro não nos deixa esquecer que, como diria Lênin, vivemos tempos de misticismo e pornografia. Tempos cuja superação revolucionária exige um combate sem quartel à ação deletéria da pequena burguesia, em todas suas formas, no seio do proletariado.

À crítica, pois.

Rio, novembro/2024

II. FIM DO CAPITALISMO?

O chão da visão histórica em que está plantado o trotskismo não passa na verdade de um saco sem fundo em forma de uma falsa constatação de que o capitalismo teria chegado ao fim, em “agonia mortal”, no dia em que Trotsky escreveu seu programa, que garante solenemente: *“As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos já não conduzem a um crescimento da riqueza material.”* Note-se que o título original do ‘programa de transição’ é *“A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional”*.

Bem, a realidade se encarregou de desmentir tal delírio. O crescimento do capitalismo após a II Guerra, em níveis insuspeitáveis, joga indiscutivelmente por terra a suposição mecanicista de tal esgotamento sistêmico, suposição que seria mais bem definida se a chamássemos de mero palpite. Trotsky se dizia marxista, coisa que nunca foi – o que provaremos solidamente no presente texto. Mas se o fosse, se algum dia teve a humildade de ler os textos fundamentais de Marx, conheceria a teoria da reprodutibilidade do capitalismo, formulada no *O Capital*, segundo a qual as crises sistêmicas do capitalismo são cíclicas e sempre seguidas de ciclos de retomada de crescimento e produção de mais-valia. E é a partir desta conceituação que Marx explica as guerras interimperialistas, que desempenham o papel histórico de destruição de forças produtivas de modo a propiciar novos espaços de investimento de capital sobre os destroços dos embates. É bom lembrar, sempre, que capital se define pela aplicação de recursos em processos de produção em busca de mais-valia e, daí, do lucro. Dinheiro parado é tesouro de pirata, sabe-se. E que não venham com alusões à

teoria da tendência de queda da taxa de lucro, que, em Marx, vem no outro prato da balança da contratendência da queda da taxa de lucro, igualmente explicitada por Marx no mesmo *O Capital*.

É na esteira de tais elucubrações, claramente desmentidas pela história, que se instala no edifício trotskista uma esfarrapada filosofia da história que supõe a existência de um tempo a que o trotskismo denomina ‘período de transição’, o tempo final do capitalismo. A burguesia mundial não teria para onde correr, já que – garante seriamente Trotsky – a democracia e o fascismo estariam igualmente mergulhados nesta mesma crise, sem chance de sobrevivência presente ou futura, como reza seu programa. Uma crise fatal do capitalismo de cuja lógica feroz somente os trotskistas, com seu programa de transição no bolso, poderiam nos livrar. Amém. No interior de tal ‘desintegração’, de todo este arrazoado teleológico, mecanicista, afinal absurdo, Trotsky assegura que as condições objetivas da revolução já estariam mundialmente maduras e já começam a apodrecer.

No quadro desta hecatombe final, Trotsky faz sua grande descoberta: para a ocorrência de uma revolução socialista mundial falta somente a ação da vanguarda, no caso, é claro, de uma vanguarda trotskista, já que as condições objetivas estariam mais que maduras para a revolução. Sentencia Trotsky: “*Sem a vitória de uma revolução socialista no próximo período histórico, toda a humanidade está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende agora do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade se reduz à crise da direção revolucionária.*” É bom não confundir isso com o que afirma Marx no “Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política”, de

1859, ou seja: a crise a que ele se refere é, temos que insistir, uma crise cíclica, que, se não der lugar a uma revolução a ser levada a efeito pelos “homens” (literal em Marx, referindo-se ao proletariado e sua vanguarda revolucionária real, não autoproclamada), resultará em um novo ciclo de acumulação de capital. Nada de “crise histórica da humanidade”, como especula Trotsky.

Montado em tal lógica vazia, Trotsky vai formular os princípios igualmente vazios de seu programa, a que denomina “Sistema de Reivindicações Transitórias”, que, posto em prática, conduziria fatalmente à conquista do poder pelo proletariado, já que, afirma sempre solenemente, na época do capitalismo ‘em decomposição’ não há lugar para a elevação do nível de vida das massas. Ora, o de que se trata é que este sistema de reivindicações transitórias configura a estratégia geral, reformista, do trotskismo como caminho para a tomada do poder, a estratégia socialista (?) trotskista. Ou seja, já que o capitalismo não teria nem no presente nem no futuro condições de atender a nenhuma reivindicação do proletariado, todas essas reivindicações e cada uma delas seriam revolucionárias. Não se pode negar uma lógica interna a esta conclusão. Para ficar ainda mais claro: *“...cada reivindicação séria do proletariado, e mesmo cada reivindicação progressista da pequena burguesia, conduzem, invariavelmente, para além dos limites da propriedade capitalista e do Estado burguês. ... nenhuma das reivindicações transitórias pode ser completamente realizada com a manutenção do regime burguês.”* Já vimos isso em Lassalle, em Bernstein, em Kautsky, em Gramsci, nos mencheviques. Na realidade, Trotsky não estaria equivocado se batizasse essa sua proposta de ‘Sistema de Reivindicações Reformistas’. Seria igualmente adequado. E que ninguém estranhe ver

trotskistas apoiarem veementemente a falaciosa agenda identitária, esta quinta coluna que a burguesia infiltrou no movimento dos trabalhadores. Aqui também os trotskistas são fiéis ao mestre.

Conclusão geral: toda luta do proletariado é revolucionária, a revolução é permanente. ‘Revolução Permanente’, o catecismo do trotskismo, embora a maioria dos trotskistas não saiba exatamente o que significa tal expressão. Vejamos. O termo foi usado por Trotsky para dar título a um seu livro de 1904: *A revolução permanente na Rússia*. Registe-se que a expressão ‘revolução permanente’ fora cunhada por Marx em seu folheto “Carta do Comitê Central à Liga dos Comunistas”, de 1850 (trinta anos antes de Trotsky nascer), para se referir à emergência histórico-política independente do proletariado enquanto sujeito político a partir dos embates diretos contra a burguesia nas lutas de classes que empolgaram a Europa nos anos 1848-49. Nada portanto a ver com a natureza do uso antidialético, essencialmente mecanicista, da ‘revolução permanente’ do trotskismo. Note-se que em 1904 Trotsky já havia bandeado para lado dos mencheviques, embora tenha apoiado – oportunisticamente como a história viria a comprovar – Lênin no II Congresso do POSDR realizado no ano anterior. O livro já estampava a divergência com Lênin a respeito da força motriz da revolução russa então: para Lênin, uma aliança proletariado urbano/campesinato como sujeito revolucionário, com Trotsky defendendo que o campesinato seria apenas uma força auxiliar do proletariado. Em 1905 Lênin publica o seu “*Duas Táticas da Socialdemocracia na Revolução Democrática*”, propondo como consigna de propaganda estratégica a palavra de ordem “Ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. Note-se que, apesar de a abolição formal da servidão na Rússia tivesse ocorri-

do em 1860, o país permaneceu como uma formação sócio-política fundamentalmente feudal até fevereiro de 1917. Assim, a história deu razão a Lênin, claro, já que a Revolução de Fevereiro de 1917 teve caráter burguês/democrático, como previa e propunha Lênin. E abriu espaço para a Revolução Proletária de Outubro, como propôs Lênin em suas conhecidas “Teses de Abril.”

III. REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS

No quadro de sua lógica estapafúrdia, Trotsky vai propor o eixo de sua estratégia reformista, ancorada em uma concepção gradualista da tomada de poder pelo proletariado. Em linha diametralmente oposta, Marx e Lênin pensam o advento do socialismo a partir de um ato revolucionário insurrecional de tomada do poder pelo proletariado. Explicitando esta visão do materialismo dialético-histórico, o MM5 propõe o conceito de **Marco Estratégico Insurrecional**, que fixa a fronteira indelével entre o marxismo leninismo e, do outro lado, o lado direito, o reformismo, o trotskismo e o gramscianismo. Ou seja, toda atividade de um partido revolucionário deve ser parametrada pelo objetivo estratégico insurrecional, entendendo-se estratégia como objetivo-plano estrutural, independente da conjuntura – esta, por sua vez, condicionará a natureza das lutas concretas imediatas, quer como ato de assalto ao poder burguês, quer como acumulação de forças para tal. Qualquer coisa diferente disso é gradualismo reformista.

E o que mais chama a atenção na “descoberta” trotskista é sua gritante obviedade, repetindo solenemente o que fazem e fizeram todos sindicatos do mundo desde o surgimento do movimento sindical: a luta pela recuperação do poder de compra dos salários frente ao avanço das ondas inflacionárias e do agravamento da exploração, inevitáveis no capitalismo em tempos de ‘decomposição final’ ou não. Acoplada, assim, à obviedade da proposta de uma ‘*escala móvel de salários*’ como eixo da luta cotidiana do proletariado, Trotsky defende também como consigna estruturante de seu programa uma “*escala móvel de horas de trabalho*”. Ora, igualmente desde os primórdios de sua existência o movimento sindical vem abrindo uma luta frontal pela

redução da jornada de trabalho. Lembre-se que a luta pela jornada de oito horas diárias foi das bandeiras mais importantes do sindicalismo já na primeira metade do século XIX, quando Trotsky sequer era nascido. Se tal (i)lógica trotskista possuísse realmente alguma base material, a revolução socialista já teria triunfado em todo o mundo.

Aliás, o tema trabalho nos sindicatos aponta para uma das múltiplas incoerências do trotskismo, Garante Trotsky em seu programa:

“As tentativas sectárias de criar ou manter pequenos sindicatos ‘revolucionários’, como uma segunda edição do partido, significam de fato a renúncia pela direção da classe operária. ...Os sindicatos não têm e não podem ter programa revolucionário acabado, em virtude de suas tarefas, de sua composição e do caráter de seu recrutamento.” Isso foi escrito em 1938.

Vejamos agora o que garante Trotsky apenas dois anos depois, em 1940, em seu folheto “Os Sindicatos na Época da Decadência Imperialista”:

“Em outras palavras, os sindicatos atualmente não podem ser simplesmente os órgãos da democracia como na época do capitalismo concorrencial e já não podem ser politicamente neutros, ou seja, limitar-se às necessidades cotidianas da classe operária. Já não podem ser anarquistas, quer dizer, já não podem ignorar a influência decisiva do estado na vida dos povos e das classes. Já não podem ser reformistas, porque as condições objetivas não dão espaço a nenhuma reforma séria e duradoura. Os sindicatos de nosso tempo podem ou servir como ferramentas secundárias do capitalismo imperialista para subordinar e disciplinar os operários e

para impedir a revolução ou, ao contrário, transformar-se nas ferramentas do movimento revolucionário do proletariado.” Grifo nosso.

Ora, há algo de errado aí. O que terá mudado entre 1938 e 1940? A conjuntura? Não, a conjuntura não mudou naquele curto período. Além disso, a lógica da “revolução permanente” exclui o conceito de conjuntura para o trotskismo, assim como para o reformismo clássico e para o gramscianismo. **Se a revolução é ‘permanente’, não existe conjuntura. Simples assim.** A verdade é que toda essa confusão a respeito do lugar e papel dos sindicatos na luta do proletariado constitui uma das características do trotskismo. É por isso que assistimos a essa enxurrada de golpismos, manipulações e espertezas típicas do trotskismo no movimento sindical brasileiro, por exemplo. Prova maior desta verdadeira bagunça político-ideológica foi a posição adotada por Trotsky de estatização dos sindicatos na Rússia revolucionária de 1920, posição combatida e devidamente derrotada por Lênin no partido e que marca abertamente o início das atividades de Trotsky contra Lênin e contra o partido, atividades contrarrevolucionárias que resultaram em sua expulsão do partido em 1927.

Abordemos a seguir, mesmo que mais brevemente, outras das propostas do programa de Trotsky. Antes, contudo, é preciso enfatizar que a (i)lógica delirante do trotskismo desconhece a diferença entre consignas de agitação, de propaganda e de ação. Conhecer tal diferença e empregá-la na luta de classes é decisivo na configuração de uma prática consequentemente leninista. É por isso que Trotsky nunca foi verdadeiramente leninista. Apenas simulou sê-lo. Voltaremos a isso. Mas vejamos antes as consignas.

a) **Controle operário**

O programa de Trotsky propõe que os trabalhadores assumam o controle, não apenas da empresa onde trabalham, mas também de todas as finanças públicas e as privadas de cada um dos proprietários dos meios de produção, o que seria feito diretamente pelos ‘comitês de empresa’. Alguém precisa alertar os trotskistas de duas coisas. Uma: os trabalhadores precisam trabalhar para comer, não têm tempo nem formação especializada para cumprirem esta gigantesca e complicada tarefa. A outra: a burguesia e seus cães de guarda permitiriam isso?

b) **Combate ao desemprego através de obras públicas**

Aviso aos trotskistas: foi o que fez o presidente norte-americano Franklin Roosevelt para combater em seu país a grande crise capitalista que estourou em 1929. E deu certo. E Roosevelt não era nenhum revolucionário.

c) **Expropriação de ramos chaves da economia**

Aqui Trotsky explica que se trata de uma palavra de ordem de agitação ‘cotidiana’, e que a expropriação completa somente pode ser posta como ação com a tomada do poder pelo proletariado. Observe-se que a referência à expropriação completa deixa implícito que uma apropriação ‘incompleta’ (sem indenização!, enfatiza bravamente) é possível e viável nesse fantasioso tempo que a (i)lógica reformista do trotskismo chama de período de transição.

d) Pelotões armados de trabalhadores

“Por ocasião de cada greve e de cada manifestação de rua, é necessário propagar a ideia da necessidade de criação de destacamentos operários de autodefesa. É necessário inscrever esta palavra de ordem no programa da ala revolucionária (?) dos sindicatos. É indispensável organizar grupos de autodefesa em todo lugar onde for possível, a começar pelas organizações de jovens, treinando-os e familiarizando-os no manejo de armas.”

Como se vê, a suposição do programa é a de que a partir de 1938 estamos em plena revolução... permanente. O voluntarismo juvenil que conduz esta proposta contamina igualmente todas as ‘reivindicações transitórias’ de Trotsky. Observe-se que o trecho se refere no início a uma ação de propaganda para, a seguir, formular uma consigna de ação ao propor a organização concreta dos grupos de autodefesa. Como afirmávamos, não existe **no** arsenal teórico da revolução permanente de Trotsky o conceito de conjuntura, o que resulta na ausência de uma referência de hora e local na luta de classe em que se assentariam ou consignas de ação, ou de propaganda, ou de agitação. Trotsky sequer hesita em defender a criação de uma milícia operária como algo estruturado e permanente. E o barco segue adiante, com Trotsky garantindo que *“quando o proletariado o quiser encontrará os caminhos e os meios de se armar. Também neste domínio, a direção recai naturalmente sobre as seções da Quarta Internacional.”* Tratar-se-ia então de uma questão subjetiva, apenas de querer? Querer é poder?, como propagandeia o tal empreendedorismo neoliberal? Não. Nem para Marx, nem para Lênin. Trotsky alardeava que era leninista, coisa que nunca foi, e tal mentira se instalou na mente de muitas e muitas mentes bem intencionadas. O materialis-

mo histórico e dialético determina a inarredável necessidade de se observarem as condições objetivas estruturais e conjunturais para a intervenção de uma vanguarda nas lutas de classe. Em toda, toda, a obra política de Lênin tal exigência é tomada como ponto de partida e de chegada. Não, Trotsky não é leninista, da mesma forma que o idealismo voluntarista pequeno-burguês nunca foi materialismo.

e) **Estatização da terra**

Como se sabe, a questão agrária foi base de inúmeras divergências nas organizações de esquerda na Rússia tanto antes quanto após a tomada do poder pelos bolcheviques. Antes da Revolução de Fevereiro de 1917. Quanto aos bolcheviques, que é o que aqui mais nos interessa de perto, foram duas as posições que dividiam politicamente o partido. De um lado, Lênin e a sua de uma estratégia de unificação do proletariado urbano com o campesinato na primeira fase da revolução, a fase democrática – o que foi comprovado pela história. Trotsky, como já dissemos, defendia que o campesinato seria apenas um aliado do proletariado urbano a ser conduzido e liderado, não se constituindo em força motriz da revolução. Após tomada do poder, a posição de Trotsky passou de um lado a outro, à direita e à esquerda conforme melhor conviesse à sua obsessão pelo poder. Assim, aliou-se à chamada ‘Oposição de Esquerda’, passando posteriormente para o lado do “socialismo a passos de tartaruga”, proposta de Bukharin relativa à preservação da propriedade privada no campo. No seu ‘programa de transição’ Trotsky aproveita para condenar aquilo que chama de “coletivização forçada do campo”. Mais uma vez, como sempre, Trotsky não fala a verdade. Não houve nenhuma coletivização forçada. O que fez o I Plano Quinquenal,

implantado pelo governo Stálin em 1929, foi uma coletivização do campo com a propriedade rural dividida em colcozes (cooperativas de pequenos e médios camponeses) e sovcozes (grandes fazendas estatais) – com o sólido e amplo apoio dos trabalhadores do campo, daqueles que realmente trabalhavam no campo. O que exigiu o uso da força revolucionária foram a resistência feroz e a sabotagem sistemática dos latifundiários enriquecidos na NEP. Todos os historiadores da Revolução Russa confirmam isso, até mesmo o categorizado acadêmico reconhecidamente trotskista Isaac Deutscher.

f) **Assembleia constituinte**

A história tem exibido à exaustão o espaço conjuntural em que se inscreve a proposta da assembleia constituinte: um recurso a que recorrem as classes exploradores na contemporaneidade sempre que seu domínio se encontre abalado – isso desde a Revolução Francesa. Em seu programa, a proposta de Trotsky se resume ao que chama de países coloniais ou semicoloniais, que posteriormente seriam mais bem definidos pela geografia política como subdesenvolvidos, periféricos ou dependentes. Como o Brasil, por exemplo, em 1938 e agora. Diz Trotsky no seu programa: *“Nesta luta, as palavras de ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas distintas, mas decorrem umas das outras.”* Note-se que quando Lênin formulou esta estratégia, em 1905, Trotsky o contestou, e agora (1938), com objetivos inconfessáveis, certamente para se aproveitar da força do leninismo no partido dos bolcheviques, muda de lado sem qualquer autocrítica. Segue Trotsky: *“...A palavra de ordem assembleia nacional (constituinte) conserva toda sua força em países como a China ou a Índia. É necessário ligar indissolu-*

velmente esta palavra de ordem às tarefas de emancipação nacional e da reforma agrária. Como primeiro passo os operários devem se armar com esse programa democrático.” Pergunta-se: não foi esta a linha seguida pelo reformismo brasileiro, principalmente após a ascensão formal de Nikita Krushev ao poder na União Soviética em 1956? Aqui, é preciso mais uma vez enfatizar que a proposta de Lênin em seu livro “Duas Táticas” foi feita em 1905, quando a Rússia de fato era um país feudal. É necessário destacar ainda que, muito ao contrário do que afirma Trotsky no seu programa, os soviéticos não se encarregaram de “levar a revolução democrática até o fim”, mas, pelo contrário, os soviéticos destruíram a democracia e em seu lugar instalaram a ditadura do proletariado. Basta lembrar que os bolcheviques, tomado o poder, fecharam a Assembleia Constituinte anteriormente convocada pelo governo Kerensky, deposto pela insurreição de 25/10. O falso profeta Trotsky erra mais uma vez, assim como profetizou que a Alemanha nazista viria a derrotar a União Soviética – uma entre as muitíssimas outras de suas especulações e desejos.

Krushev, que assumira concretamente o poder na URSS desde a morte de Stálin em 1953, viria a oficializar o reformismo na luta de classes mundial no XX Congresso do PCUS: “*O partido rompeu com as noções caducas. ...Nós queremos ser amigos dos Estados Unidos. ...A Iugoslávia registra importantes resultados na edificação socialista. ...A classe operária pode conquistar uma sólida maioria no parlamento e transformá-lo em instrumento de uma república popular verdadeira.*” (Relatório ao XX Congresso.)

IV. PROPOSTAS, ESPECULAÇÕES, MANIPULAÇÕES

A estratégia de ver a revolução em cada esquina só poderia mesmo levar Trotsky a construir uma verdadeira colcha de retalhos em que se constituíram suas análises, em que se destacam assustadoras inverdades e deformações históricas. A gritante desconexão entre tais retalhos aleatoriamente juntados propicia ao autor um amplo espaço de manipulação, arte em que Trotsky é mestre inigualável. Vejamos.

a) **Revolução Chinesa**

A pretexto de analisar a atuação da III Internacional no decorrer da Revolução Chinesa, Trotsky afirma no seu programa: *“Após o esmagamento das massas pelo Kuomintang, a Internacional Comunista encaminhou-se para a guerra de guerrilhas e para os soviets (conselhos) camponeses, com passividade total por parte do proletariado industrial. Chegando desse modo a um impasse, a Internacional Comunista aproveitou a ocasião da guerra sino-japonesa para liquidar de vez com a ‘China Soviética’, subordinando não apenas o ‘Exército Vermelho’ camponês, mas também o então chamado ‘Partido ‘Comunista’ ao próprio Kuomintang, isto é à burguesia.”*

É assim que Trotsky se dá o direito de admoestar Mao. Em primeiro lugar, que fique claro que o Partido Comunista Chinês (PCCCH) não era, nem nunca foi, um partido sem identidade própria, sem história, sem uma liderança junto ao proletariado chinês, um partido já então com dezesseis anos de duro e continuado combate ao capitalismo . Note-se que ao se referir a este partido Trotsky usa o termo “Comunista” assim, entre aspas. Desrespeito é o mínimo que se pode

dizer aqui. Agora, a manipulação: jamais ocorreu uma subordinação do PCCH ao Kuomintang, como alega Trotsky. Ao contrário desta mentira, o que ocorreu foi a formação de uma frente formada entre PCCH e o Kuomintang – sim, um partido burguês – para combater a invasão japonesa, jamais uma subordinação do partido revolucionário de Mao e Chu Teh ao partido burguês de Xiang Kai Shek. No mais, do alto de sua falsa sabedoria, Trotsky acha equivocada a estratégia da guerrilha no campo, com a distribuição aos camponeses da terra conquistada, com o cercamento progressivo das cidades até a tomada do poder central. Na realidade, no que há de objetivo em tudo isso é que Trotsky jamais entendeu as especificidades históricas, estruturais e conjunturais da China de então. Por que? Simplesmente porque seu método – o da tal “revolução permanente” – não lhe permitia, como não permitia conhecer qualquer formação socioeconômica, política e social em sua especificidade. Estrutura? Conjuntura? Coisas que Trotsky lança furiosamente à lata do lixo, como dissemos. Ainda bem que Mao e seus camaradas não levaram a sério as especulações de Trotsky, pois, se o tivessem feito, com absoluta segurança não teriam tomado o poder total em 1949 – o que Trotsky não chegou a ver, já que foi morto por ordem do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), então liderado por Joseph Stálin, em 1940 – sendo essa a versão mais aceita de sua morte pela historiografia.

b) **Socialismo em um só país**

Garante Trotsky em seu programa: *“Mas ao mesmo tempo o aparelho do Estado Soviético sofreu uma completa degeneração, transformando de instrumento da classe operária em um instrumento de violência burocrática contra a classe operária e, cada vez mais, em instrumento de sa-*

botagem da economia nacional. A burocratização de um estado operário atrasado e isolado e a transformação da burocracia em casta privilegiada toda-poderosa é a refutação mais convincente – não somente teórica, mas também prática – da teoria do socialismo num só país.”

Ora, Trotsky e os trotskistas que lhe seguiram e lhe seguem fazem questão de enfatizar a inverdade de que são leninistas. Enfatizam com o mesmo fervor que a teoria do socialismo em um só país seria criação de Stálin. Antes de entrar neste mérito é oportuno e necessário apontar o corte burguês da categoria *burocracia*, ocupante de lugar de amplo destaque no catecismo trotskista. Burocracia, burocrático, burocratizante... bradam aos quatro céus e quatro infernos os altos falantes trotskistas mundo afora. Como se autodenominam marxistas, seria bom que alguém lhes avisasse que tal conceito é de origem weberiana (do conhecido sociólogo burguês Max Weber), pensado originalmente nos termos em que pensam os trotskistas: sem conteúdo classista, sem conteúdo histórico.

Entremos então no mérito para provar que a teoria do socialismo em um só país é leninista. Afirma Lênin no artigo “Sobre a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa”, publicado no jornal *Sotzial-Demokrat* de 23 de agosto de 1915: “*A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Daí decorre que é possível a vitória do socialismo primeiramente em poucos países ou mesmo em um só país capitalista tomado por separado. O proletariado vitorioso deste país, depois de expropriar os capitalistas e organizar produção socialista em seu país, erguer-se-ia contra o resto do mundo capitalista, atraindo para o seu lado as classes oprimidas dos outros países, levantando neles a insurreição contra os capitalistas,*

empregando em caso de necessidade mesmo a força das armas contra as classes exploradoras e seus Estados.” Presente aí também o princípio do internacionalismo proletário.

Outra letra de Lênin sobre o tema, no artigo “O Programa Militar da Revolução Proletária”, de 1916: *“O desenvolvimento do capitalismo segue um curso extraordinariamente desigual nos diversos países. De outro modo não poderia ser sob o regime de produção de mercadorias. Daí, a conclusão indiscutível de que o socialismo não pode triunfar simultaneamente em todos os países. Triunfará em um ou em vários países, enquanto os demais seguirão sendo, durante algum tempo, países burgueses ou preburgueses.”* (Traduzido do espanhol.)

Claro, para nós marxistas leninistas não é somente pelo fato de uma asserção ter sido formulada por Lênin que a mesma estaria correta. Não somos religiosos, não somos messiânicos. São outros os critérios da verdade: cientificidade, exequibilidade, fundamentação gnosiológica no materialismo dialético e, em caso dos processos revolucionários especificamente, de comprovação histórica. E a teoria do socialismo em um só país atendeu absolutamente a todos estes parâmetros. De 1917 a 1991 a URSS foi um país rigorosamente socialista, resistindo bravamente a todas as iniciativas imperialistas, bélicas inclusive, para destruí-la, além do permanente esforço de Trotsky e dos trotskistas para sabotá-la – a começar pela iniciativa de Trotsky, que liderava então a delegação soviética na negociação com a Tríplice Aliança em busca de um acordo de paz na cidade de Brest-Litovski. A deliberação do partido bolchevique era a de firmar um tratado global com os países das então chamadas Potências Centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império

Otomano). Por conta e iniciativa própria, Trotsky resolver assinar um tratado somente com o Império Otomano, dando as costas à deliberação do partido, a pretexto de que, a seu juízo, o tratado era de pouca importância e o que importava mesmo esta estender já a revolução para o resto do mundo, de acordo com suas estapafúrdias concepções de ‘revolução permanente’ e impossibilidade da construção do socialismo em um só país. A atitude de Trotsky veio a causar gravíssimos prejuízos à revolução bolchevique, incluindo a perda de vastos territórios em posterior tratado definitivo em que não constavam inicialmente estas perdas. A conquista da paz foi, junto com a promessa de terra, força mobilizadora decisiva na conquista do poder pelo proletariado em outubro de 1917. Desde então, Trotsky jamais atenuou sua postura e suas iniciativas de boicote e oposição ao partido bolchevique e à própria Revolução Russa como um todo. Voltaremos a este tema.

Lutando brava e duramente contra poderosos inimigos externos e internos, à custa inclusive de indescritíveis sacrifícios do proletariado, a União Soviética não apenas sobreviveu como conseguiu um inimaginável avanço sócioeconômico como o único país socialista da Terra. Depois da II Guerra, ao final da década de 1940 e principalmente pela ação da Rússia Soviética, os países da Europa Oriental já eram socialistas.

c) **Trotsky bolchevique?**

Um dos mitos cultivados com mais fervor pelos trotskistas dos quatro cantos do mundo é aquele de que Trotsky era um fiel bolchevique leninista. A verdade, contudo, é que Trotsky nunca foi

bolchevique nem leninista, nem antes, nem durante, nem depois da tomada do poder pelos bolcheviques.

Como se sabe, o que há de mais estruturante no conceito leninismo é a proposta de um partido revolucionário profissional e centralizado enquanto vanguarda do proletariado como força subjetiva fundamental da revolução socialista. E foi exatamente este o eixo das divergências que marcaram o II Congresso do Partido Operário Socialdemocrata da Rússia, realizado em 1903 em Bruxelas/Londres. Na realidade este pode ser considerado o real congresso de fundação do partido, já que o I Congresso, realizado em Minsk, Bielorrússia em 1898, na prática constituiu mais uma declaração de intenções e compromissos gerais, tendo inclusive seus onze delegados sido presos ao término do encontro. E logo na discussão do primeiro artigo do estatuto, no item que determinava as condições exigidas para que um quadro assumisse a qualidade de membro do partido, e após debates e mais debates e idas e vindas, duas propostas foram a plenário: a de Lênin, que exigia que o quadro integrasse uma organização (célula) do partido, e a de Martov, que dispensava esta exigência, aceitando como membro do partido quem apenas militasse sob orientação do partido. Nas discussões iniciais a posição de Lênin mostrou-se minoritária. No entanto, com a saída dos representantes do jornal *Rabotche Dielo* e do Bund (um grupo que congregava apenas militantes judeus, da Polônia), a posição leninista obteve a maioria, inclusive com o voto adicional de Trotsky, sempre atento às oportunidades.

Como a realidade se encarregou de demonstrar, o antileninismo militante de Trotsky logo veio à tona. Já em 1904 ele escreve o texto “*Nossas Tarefas Políticas*”, acusando tese de Lênin de buscar impor

uma ditadura do partido sobre o proletariado e, internamente, de submeter o comitê central a uma ditadura da direção executiva. E daí por diante, até sua morte, Trotsky, em aliança com os mencheviques, se empenhou em articulações na linha da desestruturação do poder soviético, primeiro contra Lênin e a seguir contra Stálin. Entre seus arroubos históricos, a afirmação de que Stálin seria um “auxiliar” de Goebels – o todo poderoso ministro de Hitler. De Lênin, não hesita em afirmar no livro acima: *“O chefe da ala reacionária de nosso partido, o camarada Lênin, dá à socialdemocracia uma definição que é um atentado teórico contra o caráter de classe do nosso partido.”* Lênin *“formulou uma tendência que se desenhou no partido, a tendência revolucionária burguesa.”* Outras adjetivações usadas por Trotsky contra Lênin no mesmo “Nossas Tarefas Políticas”:

“Divisionista fanático”, “revolucionário democrata burguês”, “fetichista da organização”, defensor do “regime de caserna” e da “mesquinha organizacional”, “ditador”, “um explorador profissional de todo tipo de atraso no movimento da classe operária russa”. Note-se: tais acusações, em as mesmas ou outras palavras, são as mesmas que Trotsky despejou sobre Stálin – em companhia da mídia e da academia burguesas. Em 30 de novembro de 1929, Trotsky, já expulso do PCUS, conclui a redação do artigo “Teses da Revolução Permanente”, em que garante: *“O problema da revolução permanente ultrapassou desde há muito o quadro das divergências episódicas (?) entre Lênin e Trotsky, divergências que, para mais, foram inteiramente esgotadas pela história.”*

Oportunismo puro e destilado. Ora, desde o Congresso de 1903, desde o alinhamento concreto de Trotsky aos mencheviques em

1904/1905, desde o ‘bloco de agosto’ (1912) – e desde então até agosto de 1917 – Trotsky sempre esteve documentadamente em campo oposto ao de Lênin, tanto no interior do partido quanto fora dele. E assim permaneceu até o fim de seus dias. E não se tratava de “divergências episódicas”, mas, isto sim, referentes ao ponto em que o corpo teórico-político de Lênin constitui sua maior, decisiva, essencial e definitiva contribuição à luta do proletariado mundial por sua libertação: **a questão da natureza do partido revolucionário e seu lugar e papel na revolução socialista**. Mais: pode-se dizer como segurança que é esta formulação que dá direito – e obrigação – de falarmos em marxismo leninismo quando falamos da teoria-prática da revolução do proletariado. E podemos concluir que foi neste campo estrutural, não episódico portanto, que se plantaram direta ou indiretamente as divergências Lênin x Trotsky. Não há qualquer manipulação, qualquer esperteza, qualquer mentira que possam escamotear isso.

A fim de evitar mais uma daquelas enxurradas de calúnias típicas do trotskismo, esclarecemos aqui que todas as citações constantes do presente documento constituem rigorosas transcrições literais, ou de obras editadas por editoras conhecidas e unanimemente respeitadas, ou de documentos classificados como fontes cientificamente confiáveis pela historiografia. Prossigamos.

Todos esses impropérios proferidos por Trotsky emergem naturalmente como ervas daninhas de seu lodaçal de incompreensões a respeito do lugar, papel e constituição do partido revolucionário na revolução proletária. Este espontaneísmo organizatório por ele defendido se insere na lógica das revoluções burguesas.

Menchevique de fato, Trotsky sempre se apresentou como um batalhador incansável pela unificação política entre bolcheviques e mencheviques, o que resultaria em um mar de imprecisões e divergências no qual ele navegaria de vento em popa. Afinal, ninguém o igualaria em incongruência e, principalmente, em senso de oportunidade. E em esperteza. Observe-se que a esperteza tem marcado através dos tempos, em todos os lugares e países, a prática do trotskismo. E não por acaso. Já que a tomada do poder estaria na lógica trotskista da “revolução permanente” na ordem do dia no mundo, em todo tempo e lugar, fazer a revolução iria depender apenas de inspirações, intuições, acuidade..., esperteza, enfim. Em maio de 1914 Lênin publica o texto “***Sobre a violação da unidade coberta com gritos unidade***”, em que desmascara as grotescas manipulações de Trotsky. Em 1912, como conclusão de um processo de agudização de divergências acumuladas desde a fundação, inclusive com a hegemonia da corrente liquidacionista entre os mencheviques, a corrente leninista decide se constituir em partido independente (o POSDR-Bolchevique). O POSDR, que desde sempre vinha fracionado politicamente, acaba por ver formalizado o fracionamento organizatório entre bolchevique e mencheviques, com as partes se estruturando como partidos independentes – e antagônicos, como a história viria a mostrar. O texto de Lênin se refere particularmente às manipulações operadas por Trotsky naquele processo. Inconformado por não assumir a liderança clara e aberta de nenhum dos blocos, Trotsky cria logo após o fracionamento o “Bloco de Agosto”, que insistindo na consigna da reunificação, na verdade constituiu uma frágil aglomeração destinada a dar um campo de liderança a Trotsky. Sem unidade político-ideológica, não conseguiu sobreviver.

d) **Mezhrayontsi**

Proveniente dos Estados Unidos, Trotsky retorna à Rússia no início de maio de 1917, e em meados de agosto ingressa na organização *Mezhrayontsy*, na verdade um grupelho que vagava entre os bolcheviques e mencheviques aguardando uma boa oportunidade para se decidir. Claro que Trotsky optou por não entrar no partido do “ditador” Lênin. Este havia chegado a Petrogrado no dia sete do mês anterior, publicando no jornal bolchevique *Pravda* suas conhecidas e decisivas *Teses de Abril (Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução)*, em que propunha a tomada do poder pelo proletariado, liderado por sua vanguarda, enquanto possibilidade e imperativo daquela conjuntura de crise profunda por que passava o país, tanto no campo econômico quanto militar. O governo democrático de Kerensky, instalado a partir da revolução burguesa de fevereiro, já perdera suas bases de sustentação. Não avançar, afirmava Lênin, significava trair o proletariado. Com as *Teses*, a tomada do poder entra na ordem do dia do Partido Bolchevique. Com o aguçamento das lutas de classes, os bolcheviques vieram a obter um enorme crescimento, inclusive no exército e no campo, exatamente no encaminhamento da proposta de Lênin: pão, paz, terra e poder soviético.

Neste quadro, o grupelho de Trotsky pede e obtém ingresso no partido bolchevique. Trotsky vai no pacote, praticamente incógnito politicamente, sem qualquer autocrítica, sem qualquer discussão. É deste modo que Trotsky se transforma em um “bolchevique” apenas em agosto de 1917 – mês em que ocorre a tentativa de golpe fascista liderada pelo general Kornilov, chefe do exército russo, derrotado principalmente pelos bolcheviques quando suas tropas marchavam

em direção a Petrogrado. A revolução proletária desponta no horizonte. Os bolcheviques avançam. Trotsky se pendura na locomotiva e vai junto. Tudo que queria.

e) **Crise de direção e entrismo**

Montado no cavalo alado de seus delírios especulativos, Trotsky desde sempre esteve convencido de que a revolução proletária mundial estava ao alcance da mão naquilo que considerava o tempo da falência final do capitalismo. Na mão de quem? De um partido revolucionário, de uma direção revolucionária trotskista. As condições objetivas da revolução estavam de há muito maduras, a ponto de apodrecerem, garantia. As ideias de crises cíclicas e conjunturas revolucionárias eram coisas do “revolucionário pequeno-burguês” Lênin. Era preciso, então, construir um partido verdadeiramente revolucionário. Não o tendo conseguido junto aos mencheviques, com os quais marchara até agosto 1917, o caminho agora passava pelo partido dos bolcheviques: entrar nele, fracioná-lo e rejuntar os pedaços em um novo partido – o partido internacional de Trotsky, a que veio dar o nome de IV Internacional. Simples assim.

Vem daí, de longe, a prática internacionalmente adotada pelos trotskistas conhecida pelo nome de **entrismo**. Quais plantas parasitárias, os entristas vivem de substâncias (no caso, bases) que não possuem originalmente, debilitando assim o organismo hospedeiro, como, só por exemplo, do PSOL no Brasil atual. Observe-se que os entristas não podem bater de frente com seus partidos hospedeiros. Por duas razões, sendo a primeira o risco de sofrerem sanções, como no caso da Convergência Socialista (futuro PSTU) ainda no Brasil, que se

viu obrigada a deixar o Partido dos Trabalhadores-PT. Em segundo lugar, talvez o mais importante, vem o fato elementar de que o trotskismo não possui na realidade uma teoria sólida, cientificamente formulada, a oferecer em contraposição às miscelâneas políticas e teóricas daqueles seus locadores. O que resta, então, como eixo da ação parasitária do trotskismo no interior de partidos hospedeiros? Manipulações, intrigas, espertezas. Foi o que fez Trotsky no partido bolchevique, de sua entrada até sua expulsão em 1927. É o que fazem os trotskistas por todo lado.

Em seu ‘programa de transição’ Trotsky assegura – dada a condição da suposta crise final do capitalismo, da hipotética agonia irremediável do sistema, da sua irremediável desintegração e especulações antidialéticas semelhantes – que todo o problema da revolução mundial se resume ao que denominou “crise de direção”, partindo desta consideração delirante para a criação de um partido revolucionário mundial, um partido trotskista, por suposto, a que deu o nome de ‘Quarta Internacional’. *“A crise atual da civilização humana é a crise de direção do proletariado”*, proclama sempre solenemente o ‘programa de transição’. Vejamos bem: o trotskismo quer salvar a “humanidade” em tempos, a seu ver, de juízo final. Messianismo é outro nome que se dá para isso. E a tal proclamação soa como cânticos celestes aos ouvidos da pequena burguesia, sempre ávida de emoções baratas e caminhos fáceis. Como se sabe, a pequena burguesia assume o lugar de eixo do mercado consumidor em todo mundo a partir do pós-II Guerra. Sobre este chão socioeconômico – somado à incapacidade demonstrada pelo reformismo oficial em liderar a luta do proletariado a partir da ascensão de Nikita Kruschov à liderança do PCUS em 1955/6 –, um novo reformismo fantasiado

de revolucionário através de uma retórica radicalóide ganha espaços mundo afora: o trotskismo avança. Avançou e na caminhada desde então foi-se quebrando em pedaços e pedaços. O delírio de criar um partido mundial unido e forte em um passe de mágica acaba resultando em uma incontável variedade de grupos, tendências e grupelhos amontoados sob o guarda-chuva trotskista acusando uns aos outros de traidores. Aliás, como o trotskismo gosta desta palavra! Pensando bem, o trotskismo precisa desta palavra para explicar sua própria postura, infortúnios e profecias irrealizáveis e irrealizadas. Na lógica trotskista, hoje o mundo seria todo socialista, até mesmo comunista, não fosse a ação dos traidores

A realidade, por tudo isso, é que Trotsky nunca esteve alinhado com as propostas e decisões do Partido Bolchevique/Partido Comunista de União Soviética (PCUS). A primeira e grande divergência ocorre já na marcação do dia da insurreição. A data proposta por Lênin (25/10/1917), que acabou prevalecendo por votação no partido, foi contestada por Trotsky, que propôs o dia seguinte, quando se realizaria em Petrogrado um congresso nacional de soviets camponeses no decorrer do qual se declararia a insurreição, fazendo parecer que a iniciativa da mesma coubera aos próprios trabalhadores, com o partido figurando como um vagão da locomotiva. Lênin fez de sua posição uma questão de princípio, como de fato era: é fundamental, argumentou, que o partido lidere a revolução. No congresso, a “entregamos” ao proletariado. E assim foi feito.

f) **O comandante da insurreição bolchevique?**

Entre toda a mitologia alardeada pelos trotskistas sobre a Revolução

Russa ganha destaque a fábula que quer atribuir a Trotsky o comando e a liderança da insurreição proletária de 25/10/1917, coroada com a invasão do Palácio de Inverno, em Petrogrado, marcando a tomada do poder pelos bolcheviques. Não, Trotsky não comandou a insurreição. Aos fatos.

Destaque-se em primeiro lugar que quem dirigiu o ataque e conquista do Palácio de Inverno foi o bolchevique Antonov-Ovsenko, já um experiente militar, à frente do braço armado bolchevique denominado Guarda Vermelha, composta por militantes bolcheviques, soldados, marinheiros e operários. A historiografia séria é unânime quanto a isso.

Em 23 de outubro, dois dias antes da tomada do palácio, o Comitê Central bolchevique realizou uma reunião ampliada, presentes também representantes do comitê de Petrogrado, das organizações militares, de ferroviários e de sindicatos. Por dez votos contra dois (Zinoviev e Kamenev) foi aprovada a insurreição. A reunião deliberou então criar um centro político, que foi denominado “burô político” como direção política da insurreição, formado por Lênin, Stálin, Sokolnikov, Bubnov, Trotsky, Zinoviev e Kamenev, tendo estes dois últimos votado contra a insurreição e, mais que isso, denunciado à imprensa burguesa o plano do levante – o que levou à proposta de expulsão ambos do partido formulada por Lênin, a seguir demovido por Stálin de seguir com a proposta. Ainda na mesma reunião foi eleito um centro prático para a direção e organização da insurreição, composto por Stálin, Sverdlov, Dzerzhinsky, Bubnov e Uritsky. Como se vê, não coube a Trotsky qualquer comando individual, nem militar nem político, na insurreição.

E segue Trotsky em sua trajetória em busca da desestruturação do PCUS. No X Congresso do partido, em 1920, é fragorosamente derrotada sua proposta de se conceder o direito de existência de tendências organizadas no interior do partido, duramente combatida por Lênin como liquidacionismo. Para completar, no XI Congresso, em 1922, Stálin é eleito secretário-geral do partido por indicação de Lênin. E, não por acaso, Trotsky veio a juntar-se a Kamenev e Zinoviev por ocasião do XIV Congresso, em 1925 para formar um grupo de oposição chamado de Nova Oposição, na realidade um grupo clandestino organizado no interior do partido, que se empenhou continuamente a sabotar as atividades da direção e do partido como um todo até o final dos anos trinta do século passado. Após sua derrota acachapante no X Congresso, quando viu desabarem suas esperanças de quebrar diretamente o partido a partir de ataques de toda natureza aos organismos dirigentes, Trotsky passa a adotar também a tática de atacar o PCUS de fora pra dentro, vindo a tecer as mais escabrosas alianças em sua inabalável obsessão disposição de sabotar o partido. Escreve o citado historiador trotskista Isaac Deutscher:

“Desde que o grupo dirigente isolou Trotsky como alvo de ataque, ele automaticamente atraiu as simpatias espúrias de muitos que até então o odiavam. Quando [em abril de 1924] ele fez seu aparecimento nas ruas de Moscou foi espontaneamente aplaudido por multidões nas quais comunistas idealistas caminhavam ombro a ombro com mencheviques, social-revolucionários e a nova burguesia da NEP, todos aqueles que, de fato, por diversas razões, clamavam por mudança.”

A mudança por que clamavam os participantes da manifestação or-

ganizada e dirigida (esta sim!) por Trotsky e aliados não era e nunca foi outra senão acabar com o partido, o governo e o próprio socialismo na União Soviética. Coerência? Palavra inexistente no dicionário do trotskismo. Trotsky foi contra a implementação da Nova Política Econômica (NEP), formulada e executada por iniciativa de Lênin em 1921 restabelecendo algumas relações de mercado na economia como forma de reorganizar a atividade produtiva no país, principalmente no campo. À época o país se encontrava praticamente falido, atacado que foi com costumeira fúria imperialista, implicando a invasão de tropas de quatorze países capitalistas. Estruturados internamente, plantados no solo soviético, quatro exércitos formados por mercenários e os restos do exército imperial atacavam pelos quatro cantos. O país não tinha, assim, condições de ‘comprar’ uma guerra com um campesinato que já dava demonstrações de hostilidade para com o governo. Mas Trotsky, sempre preso ao delírio de sua revolução permanente mundial, não via nada disso. Ou fingia não ver. Especulação feita em 1923 em seu livro “*Novo Curso*”:

“O rápido desenvolvimento do capital privado ... mostraria que o capital privado está se interpondo cada vez mais entre o Estado dos operários e o campesinato, está adquirindo influência econômica e portanto política. Tal ruptura entre a indústria e a agricultura soviéticas constituiria um grave perigo para a revolução proletária, um sintoma da possibilidade do triunfo da contrarrevolução.” A maliciosa imprecisão conceitual não consegue ocultar o objetivo de contestar a NEP. Mas a história dá voltas. Em 1928/9, agora sob a liderança de Stálin, a União Soviética põe em marcha seu primeiro Plano Quinquenal, centrado na coletivização do campo e intensificação da produção de insumos industriais, que obteve um grande sucesso ao superar as próprias me-

tas. E Trotsky? Trotsky também se posicionou contra. Diz ele em seu folheto “*A economia soviética em perigo*”, em 1933: “...a coletivização correta e economicamente sadia, em um dado estágio, não deveria levar à eliminação da NEP, mas à reorganização gradual de seus métodos. ...A regulação do mercado deve depender das tendências que estão sendo produzidas por intermédio dele.”

Não são poucas as passagens em que Trotsky profetiza que a URSS seria fatalmente derrotada se viesse a se confrontar com a máquina de guerra nazista, tendo inclusive em outras tantas vezes a predizer com seus velhos ares de profeta quer tal derrota seria o ponto de partida para a deposição da “burocracia estalinista”, que seria supostamente substituída então pelas hostes trotskistas. Segundo escreveu no seu programa: “*O impulso para o movimento revolucionário dos operários soviéticos será dado, na realidade, pelos acontecimentos exteriores.*” Mais: “*Estou seguro de uma coisa: o regime político (da URSS) não sobreviverá à guerra*”, especulou Trotsky em 1940, em seu folheto “*A luta antiburocrática*”, sem disfarçar de que lado se posicionava no conflito mundial já em desenvolvimento.

Bem... A União Soviética venceu a guerra!! Vontades e profecias lançadas ao vento...

g) **Sucessão de Lênin – o tal testamento**

Um dos mitos em que se pendura o trotskismo em permanente busca de legitimação é aquele de que o próprio Lênin o teria indicado como seu sucessor. Desmintamos também essa fábula. Em seu suposto testamento – na verdade um conjunto de notas ditadas por Lênin entre

23 de dezembro de 1922 e 5 de janeiro de 1923, já em seu leito de morte –, Lênin, já com metade do corpo paralisado, ditou:

Sobre Stálin: *“O camarada Stálin, tornado secretário-geral, concentrou em suas mãos um poder desmedido e não estou seguro de que ele possa sempre se desempenhar com bastante circunspeção.”*

Sobre Trotsky: *“Por outro lado, como o camarada Trotsky já demonstrou em sua luta contra o Comitê Central na questão do Commissariado do Povo para as Vias de Comunicação, ele não se fez notar apenas por capacidades eminentes. Ele é talvez o homem mais capaz do atual Comitê Central, mas peca por excesso de segurança e por uma paixão exagerada pelo lado puramente administrativo das coisas. ...Eu me contentarei em lembrar que o episódio de outubro de Zinoviev e Kamenev não foi seguramente um fato acidental, mas que não é preciso imputar esse crime a título pessoal senão ao não-bolchevismo de Trotsky.”* É preciso repetir aqui que ‘o episódio de outubro de Zinoviev e Kamenev’ foi o fato de que estes dois membros do CC bolchevique, após votarem contra a insurreição de 25/10/1917, foram à imprensa burguesa denunciá-la. Ainda bem que ninguém acreditou neles. Continuemos.

Após um forte desentendimento entre Krupskaya e Stálin, que a criticou dura e asperamente por ela comunicar a Lênin, contrariando expressas ordens médicas, os detalhes da crise por que passava o partido, após esse incidente, Lênin ditou:

“Stálin é muito brutal e se esse defeito perfeitamente tolerável em nosso meio e nas relações entre nós, comunistas, não o é mais nas funções de secretário- geral. Eu proponho então aos camaradas es-

tudarem um meio para destituir Stálin deste posto e nomear em seu lugar uma outra pessoa que não tenha em todas as coisas senão a única vantagem, aquela de ser mais tolerante, mais leal, mais polido e mais atencioso com os camaradas, de humor menos caprichoso etc.”

E em uma carta dirigida diretamente a Stálin, Lênin lhe disse: *“Prezado camarada Stálin. Vós tivestes toda a rudeza de convocar minha mulher ao telefone para repreendê-la. Não tenho a intenção de esquecer tão cedo que isso foi feito contra mim e é inútil sublinhar que eu considero que o que é feito contra minha mulher é feito contra mim. Por esta razão, eu peço, examineis seriamente se aceitais retirar o que dissestes e apresentar vossas desculpas ou se preferis romper as relações entre nós. Lênin.”*

Coube, assim, à história fazer a escolha de quem sucederia a Lênin na monstruosa tarefa de liderar da União Soviética no pós-Lênin: o revolucionário bolchevique Stálin, ‘brutal e rude’ ou, do lado oposto, o administrador não-bolchevique Trotsky?

Será útil acrescentar aqui uma das mais estúpidas e maliciosas especulações de Trotsky, a de que Stálin assassinara Lênin: *“Qual foi o papel real de Stálin na enfermidade de Lênin? O ‘discípulo’ não fez nada para acelerar a morte de seu ‘senhor’? Só a morte de Lênin poderia deixar a via livre para Stálin. Estou firmemente convencido que Stálin não pôde esperar passivamente enquanto seu destino estava em jogo. ...Eu imagino que as coisas se passaram quase dessa forma. Lênin pede veneno ao final de fevereiro de 1923. No inverno, o estado de Lênin começou a melhorar lentamente. O uso da voz retornara. Stálin queria o poder. O objetivo estava próximo, mas o perigo emanando de Lênin estava mais próximo ainda. Stálin devia tomar a resolução que lhe era imperativa, de agir sem*

demora. Se Stálin enviou o veneno a Lênin depois que os médicos tinham deixado a entender por meias palavras que ele não tinha mais esperança ou se recorreu a outros meios mais diretos, eu ignoro.”

É o que Trotsky escreveu em seu livro *Stalin*, volume II.

De fato Trotsky ignora muitas coisas, mas não os trejeitos verbais da arte da manipulação e da mentira, os jeitos de dizer não dizendo sim, de não dizer dizendo. É este o Trotsky que Lênin conhecia há muito tempo. E há muito tempo sabia que Trotsky não era, nunca tinha sido, marxista. Seus posicionamentos – em estratégia, tática e política de organização – se estruturavam em torno da lógica menchevique, reformista portanto, encoberta sempre por um foguetório retórico radicalóide. E como os mencheviques e seu partido, Trotsky acabou fazendo do combate aberto à Revolução Russa a razão de seus dias. Inclusive ocupando os largos espaços que lhe concedia a bom preço a mídia burguesa, incluídas aí as publicações do grupo midiático mundial do nazifascista William Randolph Hearst.

Não foram poucas as vezes em que Trotsky reivindicou fraudulentamente o marxismo, como no próprio ‘programa de transição’: *“A Quarta Internacional não procura inventar nenhuma panaceia. Mantém-se inteiramente no terreno do marxismo, única doutrina revolucionária que permite compreender o que existe.”* Acreditamos haver deixado suficientemente claro neste trabalho que, muitíssimo pelo contrário, a dialética materialista nunca entrou na cabeça de Trotsky. Que sua filosofia da história era teleológica e gradualista, hegeliana portanto, constituindo este o ponto de ruptura de Marx com a dialética idealista de Hegel e dos chamados neo-hegelianos. Que sua distorcida

visão da dinâmica do capitalismo, apocalíptica e catastrofista, apenas escorava suas pretensões messiânicas de salvar a “humanidade”, como explicitado mais de uma vez em seu programa, a exemplo das risíveis pregações dos pastores do neo-evangelismo financeiro.

Concluindo, cabe citar três passagens da correspondência política de Lênin a respeito do caráter e da prática política de Trotsky:

1. Carta a Henriette Roland-Holst, de 8 de março de 1916: “*Quais são nossas diferenças com Trotsky? Em poucas palavras, ele é um kautskista, isto é, ele se inclina para a unidade com os kautskistas na Internacional e com o grupo parlamentarista de Chkeidze na Rússia. Nós somos absolutamente contra tal unidade.*”

2. Carta a Alexandra Kollontai, em 17 de fevereiro de 1917: “*Que pessoa suja esse Trotsky é – frases esquerdistas e um bloco com a direita contra a esquerda de Zimmerwald!*”

3. Carta a Inessa Armand, de 19 de fevereiro de 1917: “*Trotsky chegou e este salafrário logo formou um grupo com a direita do Novo Mir contra a esquerda zimmerwaldeana! É isso! Este é o Trotsky para você! Sempre fiel a si próprio: artilheiro, trapaceiro, posa como esquerda, ajuda a direita tão logo que pode.*”

Movimento Marxista 5 de Maio-MM5

Rio, novembro/2024.



MOVIMENTO MARXISTA 5 DE MAIO

<https://www.marxista5.org/>

“A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”